



## VIOLÊNCIA, HUMILHAÇÃO E BULLYING: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NO MEIO VIRTUAL

Marilei Resmini Grantham<sup>1</sup>

### Introdução

Em meus trabalhos mais recentes, tenho procurado refletir sobre o discurso da violência em circulação na internet, bem como em suas diferentes formas de constituição, tais como a violência contra a mulher, a violência contra a criança. Este trabalho, nesta medida, formula-se como a continuidade desta investigação e pretende examinar, no ciberespaço, o discurso sobre a humilhação e a relação entre sujeitos que se confrontam nesta relação.

Para examinar tais processos de subjetividade, tomo para análise, de modo específico, o discurso sobre o *bullying*, tipo de violência que é descrito, de forma geral, como uma forma de assédio ou intimidação com forte componente de humilhação. O *bullying* pode ser de dois tipos; *direto* e *indireto*. O **tipo direto** acontece diretamente sobre o agente agredido, sem intermediários; e **o tipo indireto, o intimidativo**, não envolve obrigatoriamente um ato criminoso ou uma violência física, mas um sofrimento ocasionado por meio de abuso psicológico ou verbal.

Tomando como pressuposto a idéia de que o meio virtual é um espaço em que, pela circulação dos saberes, os sentidos se movimentam e se desestabilizam, proponho-me, então, a examinar a circulação do discurso sobre o *bullying* na internet, procurando discutir o papel do meio virtual nos processos de construção da subjetividade.

### Sobre a humilhação

Pierre Ansart (2005: 15), refletindo sobre a humilhação, nos diz que é “uma situação particular na qual se opõem, em uma relação desigual, um ator (individual ou coletivo) que exerce uma influência, e, do outro lado, um agente que sofre esta influência.”. Nesta perspectiva, a situação humilhante é racional, comportando uma agressão na qual um sujeito (individual ou coletivo), fere ou ultraja uma vítima, sem que haja reciprocidade.

Para Ansart, a humilhação pode se dar de duas formas: a humilhação provisória, que pode ser reparada por uma resposta à altura da agressão recebida; e a humilhação não reparada, que é essencialmente desigual, frequentemente durável e na qual o domínio é exercido em proveito do ator e em detrimento da vítima. Neste segundo tipo, a vítima é exposta a uma situação contrária às suas expectativas ou aos seus desejos, uma situação sem sentido para ela.

A humilhação, nas palavras de Ansart, é uma das experiências da impotência. Afirma o autor:

Ser humilhado é ser atacado em sua interioridade, ferido em seu amor próprio, desvalorizado em sua auto-imagem, é não ser respeitado. O humilhado se vê e se sente diminuído, espoliado em sua autonomia, na impossibilidade de elaborar uma resposta, atingido em seu orgulho e identidade, dilacerado entre a imagem que faz

---

<sup>1</sup> Doutora/ Universidade Federal do Rio Grande - FURG



de si e a imagem desvalorizada ou difamante que os outros lhe infligem (Ansart, *op.cit.*: 15).

Para Ansart, a humilhação não pode ser tratada sob a ótica das paixões individuais, mas na perspectiva das relações de poder que envolvem grupos em situações de dependência, por partidos, etnias ou nações.

As colocações de Ansart abrem-nos a possibilidade de pensar na humilhação como um discurso que envolve relações de poder e que se produz a partir da violência – física ou psicológica. O discurso sobre o bullying em circulação na internet, nesta medida, é uma materialização deste discurso e atesta uma relação desigual, na qual o domínio é exercido à revelia do agredido.

### O bullying no mundo virtual

Percorrendo o ambiente virtual, percebo que o *bullying* é definido sob a forma de diferentes materialidades linguístico-discursivas: na Wikipédia, em imagens, em vídeos.

Pelos caminhos do Google, encontro também o bullying sendo denominado como “*A síndrome da humilhação*” e traduzido como o fato de que o bullying é uma forma de aplicação de atos de humilhação, através de atos físicos ou psicológicos, que coloca um sujeito em situação de desvantagem e de inferioridade e faz o outro sentir-se grande, poderoso.

Início minha investigação pela definição de Bullying, na Wikipédia: **“Bullying vem do inglês e *bully* é o mesmo que *valentão*. Refere-se aos atos de violência física ou psicológica, praticados por alguém ou por um grupo com o objetivo de agredir ou intimidar outro indivíduo incapaz de se defender, o que demonstra uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”**.

Pensando nesta definição em termos discursivos, entendo que o bullying materializa uma relação entre sujeitos que, numa relação de dominação e de forças, estabelecem as normas, as regras de uma relação de interlocução em que não há espaço para a refutação, para a argumentação, mas apenas para a violência – física ou psicológica – e para a dominação. Essa relação desigual pode ser percebida nas seguintes imagens de bullying, que nos revelam situações em que um grupo exerce a dominação sobre alguém que é alvo de agressão e de zombaria. Ou seja: materializam a humilhação como um processo e interlocução sem reversibilidade, sem troca de papéis entre os protagonistas do discurso.



Imagem 1



Imagem 2



Na imagem 1, temos o bullying direto, caracterizado pelo comportamento maldoso e agressivo contra alguém com uma deficiência física; Na imagem 2, temos o bullying intimidativo, caracterizado pela depreciação e isolamento da vítima do convívio social. Nos dois casos, vemos um desequilíbrio de poder, com vantagem do agressor em comparação ao agredido.

Cito também o vídeo “**Bullying: provocações sem limites / parte 1**”, no qual são retratadas situações de bullying na escola e do qual destaco as seguintes passagens:

- **Se seu maldito amigo bêbado me tocar de novo, eu arrevento você!**
- **Ei, chorão, não corra!**
- **Ei, novato!**
- **Se sua mãe continuar perturbando na escola, porei as fotos na internet para todos verem como é um babaca!**
- **Seu desgraçado!**

Nesta relação de humilhação desigual representada pelo bullying, os agressores mostram seu poder com palavras de intimidação (*maldito, arrevento você, não corra, desgraçado*) e encontram nos mais fracos (os chorões, os novatos, os babacas) o alvo para a violência, a humilhação, as chacotas e as ameaças.

Apoio-me, neste ponto, em Lane (1981:13), que, examinando a questão do homem como ser social, afirma que a sociedade tem normas que caracterizam os papéis sociais e determinam todas as relações sociais existentes. Esses papéis reproduzem, no nível ideológico, as relações de dominação necessárias para a reprodução das condições materiais de vida e a manutenção da sociedade em classes, em que uns dominam e outros são dominados.

Nos termos de Pêcheux (1975), isso pode ser traduzido como o assujeitamento do sujeito, o que faz “que cada um seja conduzido, sem se dar conta, a ocupar seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção” (PÊCHEUX, 1975, p. 166).

Nestes termos, o que funciona, num discurso, é uma série de *formações imaginárias* que designam o lugar que, em uma relação de interlocução, os sujeitos atribuem-se a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu lugar e do outro.

Assim, no exercício do bullying, os agressores – que atribuem a si mesmos o lugar social de quem humilha – são indivíduos “normais”, e as vítimas – que assumem o lugar social do humilhado – são os “diferentes” (magros demais, gordos demais, que usam óculos, deficientes físicos, tímidos...).

Podemos dizer, então, que o discurso sobre o bullying é sustentado por uma *memória* que admite o sentido da diferença, da exclusão. E que, de certa forma, “desculpa” os atos de humilhação nestes casos.

Sobre a memória, encontramos em Pêcheux (1990):

A memória se reporta (...) a um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de *tecidos de índices legíveis*, constituindo um corpus sócio-histórico de traços. A memória considerada como corpo / corpus de traços inscritos neste espaço, sob formas extremamente variáveis, remete, assim, à noção de *memória coletiva*... (Pêcheux, *op. Cit.*, p,142)



Como parte desta memória, o bullying representa um comportamento agressivo entre estudantes que tem sido tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado. Sendo um fenômeno mundial muito antigo nos limites da escola, o bullying só passou a ser olhado com maior interesse na década de 1970, na Suécia. E transformou-se em um tema mundial quando, na Noruega, em 1982, ocorreu o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, motivadas pela situação de maus-tratos a que eram submetidos pelos seus companheiros da escola. Mas tais fatos, e as campanhas subseqüentes contra este tipo de violência e humilhação, não produziram uma mudança neste conjunto de traços, sócio-históricos, que caracterizam o bullying. Nem em sua prática.

Sustento minhas idéias ainda em Courtine (1981), que, tratando também da noção de memória, considera-a não dentro de uma concepção individual de um inconsciente coletivo, mas como memória social inscrita no seio das práticas discursivas.

E Mariani (1988), refletindo também sobre a memória social, ressalta que ela é

...um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos, sendo que, como resultado do processo, ocorre a predominância de uma de tais interpretações e um (às vezes aparente) esquecimento dos demais. (Mariani, 1998:34)

Na memória social, segundo Mariani, está a garantia de um efeito imaginário de continuidade entre as épocas. É isso que, na minha perspectiva, acontece em relação à prática do bullying: há um efeito imaginário, sócio-histórico, de que os mais fortes e aqueles que estão dentro dos padrões considerados “normais”, em uma sociedade, podem submeter, humilhar e excluir os mais fracos, os “diferentes”.

Nesta medida, as imagens e os vídeos aqui analisados reproduzem esse imaginário e o discurso sobre o bullying, mesmo que o denunciem.

Apoio meu pensamento novamente nas colocações de Mariani (1998:36), quando a autora fala em *práticas sociais de fixação da memória*, nas quais se encontra entrelaçado aquilo que deve cair no esquecimento, pois o retorno de um sentido silenciado ou a irrupção de um novo sentido pode causar uma ameaça ao que já está estabelecido. Assim, no jogo das relações de forças sociais, não deixar um sentido ser esquecido, formulando-o, é uma forma de eternizá-lo.

Assim, a formulação do discurso sobre o bullying não deixa ser esquecido o sentido sedimentado historicamente, de que os mais fortes dominam e humilham os mais fracos.

Nesta perspectiva, retomo mais uma vez as palavras de Mariani: “o trabalho da memória produz uma certa previsibilidade, dando a impressão de que nada muda”. (Mariani, *op. Cit.*, p. 36)

No entanto, apesar de toda previsibilidade, algo pode mudar, como lembram as palavras de Pêcheux (1999):

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (Pêcheux, 1999: 56)



Tal perspectiva é reafirmada também por Mariani: “É preciso notar, porém, que, embora exista uma certa previsibilidade do “pensável”, esta é abalada frequentemente, seja pelo surgimento de acontecimentos que vão deslocando os sentidos já produzidos, seja pela ressignificação de acontecimentos já fixados pela memória histórica.” (Mariani, *ibid.*, p. 36)

Nesta medida, o discurso sobre o bullying vem sendo ressignificado por campanhas e por projetos de lei que tratam, de forma oficial, do combate a este tipo de violência nas escolas. Entre as propostas estão a adoção de uma política nacional de combate ao fenômeno da violência, e o enquadramento do bullying como crime, punido com prisão. Cito, como exemplo:

PROJETO DE LEI Nº 350, DE 2007

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO DECRETA:

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas, no Estado de São Paulo.

O discurso jurídico, nesta medida, rompe com um saber instituído, em que a violência moral ou física é normal e aceitável e passa a produzir um novo efeito de sentido, o de que este tipo de violência materializado pelo bullying é uma forma de humilhação que não pode ser tolerada, mas punida.

Além disso, novos acontecimentos podem romper com o sentido fixado pela história.

Trago como exemplo o vídeo intitulado “**Vítima de bullying reage e quebra perna do agressor na escola**”, mostrando a situação de um menino, que, por ser obeso, é vítima constante de agressões e deboche, até que, um dia, revida e atira longe seu agressor, machucando bastante sua perna.

Não é meu desejo entrar no mérito da questão, nem emitir julgamento de valor em relação às atitudes de um ou outro, mas pensar no fato em termos teóricos, sustentada pela AD.

Neste sentido, considero que este vídeo quebra a previsibilidade, desloca sentidos. Em termos do discurso sobre o bullying, é um acontecimento que trabalha sobre a memória social e histórica. Os sentidos silenciados, assim, redirecionam os sentidos que pareciam hegemônicos. E aquele discurso sem reversibilidade, sem troca de papéis entre os interlocutores, desloca-se, com o humilhado passando a agressor e colocando seu carrasco na posição que, antes, ocupava.

A memória pode ser então entendida como “a reatualização de acontecimentos e práticas passadas em um momento presente, sob diferentes modos de textualização”. (*Ibidem*:38).

Mariani lembra que, na História e nas histórias, a costura dos acontecimentos – que implica domesticar diferenças e inseri-los em um mundo “normal”, sem contradições – “funciona de modo a eliminar aquilo que possa ameaçar a estabilidade/ homogeneidade” (*Ibidem*:39). Para se pensar a memória discursiva é necessário, então, considerar esses ‘subterrâneos’ constitutivos deste ‘mundo semanticamente normal’ (*Ibidem*:40).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta reflexão, quero reafirmar minha posição quanto à importância da internet como espaço de circulação dos saberes, de movimentação e desestabilização dos sentidos.

Mittmann (2011), em suas reflexões sobre militância digital, afirma:

A circulação, antes limitada a redes menores, a pequenas comunidades, hoje é potencializada. E a possibilidade de entrar nessa grande rede de significantes, fazendo circular vozes outras que não as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante, tem permitido a divulgação em grande escala dos discursos das denúncias, bem como as convocações aos internautas, ultrapassando fronteiras geográficas e econômicas. (Mittmann, 2011, p. 120)

A análise do discurso sobre o bullying nos mostra que o ciberespaço pode ser lugar de reprodução dos sentidos, mas pode ser também o espaço da denúncia, da voz contrária. O espaço virtual dá vez e voz ao humilhado e nos possibilita vê-lo produzir um discurso diferente daquele estabelecido pela ideologia dominante, que exclui, rotula e humilha os “diferentes”.

Pela circulação do discurso na internet, revelam-se, enfim, novos processos de construção da subjetividade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. As humilhações políticas. In: MARSON, Isabel & NAXARA, Marcia. *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia, EDUFU, 2005.

COURTINE, Jean Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*. Paris, Larousse, v.62, p. 0-128, 1981.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa; os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas, Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MITTMANN, Solange. Alguns apontamentos sobre militância digital. In: GRIGOLETO, Evandra, STOCKMANS, Fabiele & SCHONS, Carme Regina. *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso. In : GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Leitura e Memória: projeto de pesquisa. In: Análise de Discurso- Michel Pêcheux, textos selecionados. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 141 a 150.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>

<http://www.artigonal.com/auto-ajuda-artigos/bullying-a-sindrome-da-humilhacao-644664.htm>

[http://www.youtube.com/watch?v=bSCP\\_PSaacw](http://www.youtube.com/watch?v=bSCP_PSaacw)

[http://www.dailymotion.com/video/xhrk2\\_vitima-de-bullying-reage\\_news](http://www.dailymotion.com/video/xhrk2_vitima-de-bullying-reage_news)

<http://www.google.com.br/imgres>